



Cinema de rua de Kuala Lumpur, Malásia

Cinemas de rua de um certo Oriente

Ivonete Pinto¹

Doutora pela ECA/USP, professora nos cursos de Cinema da UFPel e vice-pres. da Abraccine (Assoc. Bras. de Críticos de Cinema)

Este artigo, com vocação ensaística por exigência do tema, pretende lançar pontos de reflexão a respeito do novo modelo de negócio, que são as salas de cinema de shopping, e suas consequências: o fechamento dos cinemas de rua, o comprometimento da programação exibida nestes cinemas, a migração – ou não – do público e o aspecto comportamental das plateias de shopping. Como amostragem representativa, traremos o contexto de alguns países da Ásia, num *corpus* que se reconhece limitado, mas que ao mesmo tempo, pela diversidade do cenário, funciona para refletirmos sobre o que acontece no nosso próprio País.

O CINEMA DE RUA E SEU PÚBLICO

O fechamento do cine Belas Artes, em São Paulo, em 2011, demonstrou como um episódio como este afeta o público e principalmente a crítica. Inúmeros foram os artigos e reportagens que lamentaram, indignaram-se e mobilizaram a população para evitar que o cinema fechasse. Ato público, manifestos, abaixo-assinados, não evitaram o fechamento. O Belas Artes era uma sala especial. Não só o fato de ser um cinema de rua, mas por exibir, via de regra, uma programação de qualidade há mais de 40 anos, como o próprio nome já prometia.²

A partir desse exemplo, percebemos que a discussão sobre o fechamento dos cinemas de rua precisaria ser dividida em pelo menos duas: a das salas de programação comercial e as de filme de

1 - ivonetepinto@portoweb.com.br . As imagens que ilustram este artigo são de Armando Gauland, exceto às acompanhadas de crédito específico.

2 - “O Cine Belas Artes encerrou as atividades em 17 de março de 2011, após perda de patrocínio, aumento do valor do aluguel do imóvel e não renovação do contrato entre o proprietário do prédio e a administradora do cinema.. Desde que fechou as portas, admiradores do cinema criaram o grupo MBA (Movimento pelo Belas Artes)”. In: Folha.com, 17.03.2012: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1063461-pedalada-protesta-contra-fechamento-do-cine-belas-artes-em-sp.shtml>

arte.³

Em geral, a repercussão do fechamento de uma sala pode ter sua proporção averiguada justamente pelo tipo de programação que apresentava. Ou seja, não se trata apenas de um saudosismo, de uma questão de nostalgia. Mas da noção do significado de um tipo de programação que poderia se perder. Mas e se outra sala, situada em shopping center, passar a exibir lançamentos de qualidade o lamento diminui? Se a sala de shopping, além disto, oferecer estacionamento seguro, exibir os filmes com qualidade de projeção infinitamente superior, se o ar condicionado funcionar, se as cadeiras forem mais confortáveis? Estes são elementos que a discussão, se não se contentar em ser parcial, deveria contemplar.

O que talvez provoque o lamento generalizado, na suposição aqui levantada, esteja em dois aspectos: a programação e o comportamento do público. Se a programação das salas de shopping ativer-se apenas aos lançamentos, que é o que acontece, a cidade fica dependente da existência de cinematecas e salas alternativas, normalmente subsidiadas pelo Estado, municípios, entidades ou bancos. Cidades que não possuem este aparato, fatalmente ficam relegadas aos lançamentos comerciais, nunca tendo acesso a ciclos, mostras e eventos cinematográficos que vão além da exibição, e, mais grave, nunca tendo acesso aos filmes brasileiros.⁴

O outro aspecto, o comportamental, traduz-se pelo público que frequenta salas de cinema de shopping, que em sua maioria revela uma conduta inadequada. O que deveria ser um recinto demarcado para a fruição da arte, espaço de silêncio e devoção, foi substituído por um lugar barulhento, de falação e mastigação, ambos de modo compulsivo, ambos adquiridos em frente aos aparelhos de televisão e transferidos para os cinemas.

3 - Podemos nomear de várias outras formas este clássico e por vezes anacrônico debate, como “cinema comercial”, “cinema de mercado”, “cinema de arte”, “cinema não-comercial”, etc. Embora muitos críticos e pesquisadores façam objeções a esta distinção, entendemos que existem sim produções voltadas ao grande público que nivelam (rebaixando) a qualidade artística para alcançar o maior número de espectadores/consumidores; e que por outro lado há produções mais arrojadas em termos de estética e linguagem, cuja concepção já direciona um universo – e pequeno – específico a ser alcançado.

4 - Para um panorama da situação das salas de exibição no Brasil, ver relatório da Ancine no Observatório Brasileiro do Audiovisual em http://oca.ancine.gov.br/rel_salasexibicao.htm

Assim, lamenta-se aqui o desaparecimento de um perfil de público que respeitava o ritual de se assistir a um filme. Trata-se de um senso comum dizer que os novos públicos dos shoppings precisam ser educados. Mas como? Difícil apresentar respostas prontas para isto, já que devemos antes de mais nada problematizar esta questão de fundo cultural, que encara o cinema como uma extensão dos esportes, logo, está associado apenas ao divertimento. E se é diversão, por que não comer pipoca e conversar durante o filme?

O crítico de cinema José Geraldo Couto tem um pensamento que vai ao encontro desta inquietação. “(...) Também não sei se o ponto é simplesmente ‘o fim dos cinemas de rua’, como todo mundo tem insistido. O ponto, receio, é o fim de um certo cinema, de uma certa cinefilia, de uma certa atitude diante dos filmes e do ato de ver filmes”.⁵

É possível supor também que o cinema de rua geraria uma crença a unir as pessoas em torno da ideia de que aquele espaço foi herdado por elas e é preciso mantê-lo em nome desta herança.⁶ Por outro lado, há também a crença de que estes espaços seriam mais acessíveis a todos, portanto, mais democráticos do que as salas de shopping, onde os custos – do estacionamento, passando pelo ingresso ao refrigerante – são mais altos e, portanto, excluem. Ainda há que se pensar no cinema de rua como algo orgânico à cidade e o shopping, strictu sensu, como sendo uma cidade em si, separada, configurando-se em outra cidade.

Esta abordagem nos faz lembrar de Beatriz Sarlo, que teoriza sobre a supremacia do mercado que transforma os objetos simbólicos em bem de consumo. E a diversão, a necessidade de estar sempre em busca do entretenimento na era globalizada, que é um dos temas de Sarlo em *Cenas Da Vida Pós-moderna*, estaria por trás desta

5 - In: <http://blogdozegeraldocouto.folha.blog.uol.com.br/index.html> 06/01/2011.

6 - Além do Belas Artes, outras cidades promovem a defesa dos cinemas de rua, como no Rio de Janeiro, em que graças à mobilização de um grupo social, foi reaberto o Cine Joia, uma pequena sala de 87 lugares situada em uma galeria em Copacabana. O Cine Paissandu, no Flamengo, foi tombado como Patrimônio Cultural Carioca e se transformou em um centro cultural. Em Porto Alegre, ante o alegado fechamento temporário da sala Norberto Lubisco, da Casa de Cultura Mário Quintana, mantida pelo Estado, os frequentadores iniciaram um movimento que resultou na reabertura da sala de 50 lugares.

tendência que concentra a exibição de filmes em shoppings.

Nesse livro, a pensadora argentina analisa argutamente o papel do shopping na nova configuração do espaço urbano, onde reina absoluto, como uma nave espacial.⁷ Mas enquanto Sarlo observa que esta nave é direcionada aos jovens, e esta é uma realidade que podemos encontrar mundialmente (no mundo globalizado, bem entendido), nos chama a atenção o fato de ser em frente a um cinema de rua que os jovens se concentram para conversar em cima de sua motos. É em Hanói, com apenas um shopping center projetado nos moldes modernos existentes, que essa cena é possível de ser encontrada (ver foto).

O Vietnã é um dos países que este texto enfoca, juntamente com o Camboja, o Irã, e a Malásia, em uma geografia onde as interações estão no fato de ainda conviverem com os cinemas de rua e, não por acaso, são lugares que ainda possuem seus mercados públicos como sinônimo de urbanidade. É como se, com esses exemplos trazidos à tona, pudéssemos assistir aos últimos suspiros, aos estertores dos cinemas de rua.

PECULIARIDADES CAMBIANTES

Nesta pesquisa embrionária e empírica, de método fenomenológico, observamos o desaparecimento dos cinemas de rua de países onde, em tese, a globalização, notadamente nos padrões de consumo e comportamento, não alcançou ainda os índices que apresenta no Brasil. Se na década de setenta, 80% das salas localizam-se nos também chamados “cinemas de calçada”, conforme levantamento da Agência Nacional de Cinema (Ancine) de 2010, operavam no país 2.206 salas, sendo 83% instaladas em shoppings e 17% em ruas ou em locais desconhecidos. Hoje, as cidades brasileiras que assistem ao fechamento progressivo dos cinemas de rua e não contam ainda com shopping centers com esta alternativa, fazem com que a concentração seja alarmante: apenas 8% dos municípios brasileiros possuem sala de cinema. Ou seja, dos cerca de 2.500 cinemas que temos em 2012⁸,

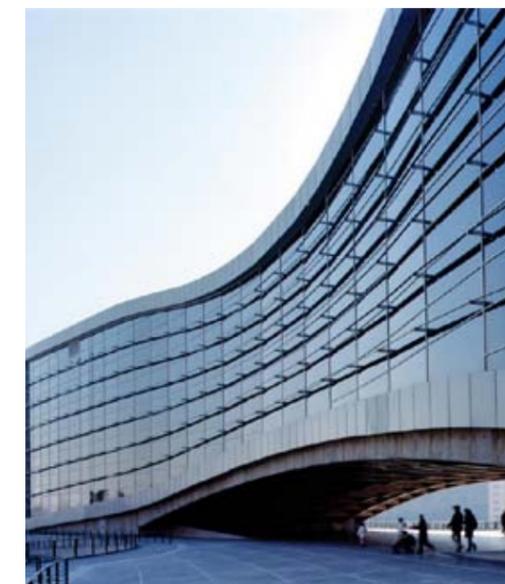
7 - Beatriz Sarlo também analisa os shoppings em *Tempo Presente – notas sobre a mudança de uma cultura* (2005), direcionando sua visão crítica aos shoppings de Buenos Aires, que apresentam como característica local o fato de recuperarem edifícios antigos, como o Abasto e o Pacífico.

8 - Cf. Zanella (2006), nos anos 70 o Brasil apresentava mais de 3.500 salas de cinema.

a maioria está instalada em cidades grandes, principalmente nas capitais, onde encontram-se os shopping centers. Em outros países, a tendência à concentração também é visível. Numa cidade como Khasham, a 246 quilômetros de Teerã, com 300 mil habitantes, em 1998 contava com duas salas de cinema na área central. Em 2011, estas salas fecharam. Como não foi construído nenhum shopping no município, supõem-se que o público tenha migrado para o vídeo doméstico, para o download ou a pirataria, prática comum em todo país.⁹

Mas é em Teerã, com seus mais de 14 milhões de habitantes, que a alteração do cenário é mais perceptível. O Irã ainda é o país do Oriente Médio que mais investe na produção de filmes, e aonde até por falta de opções na televisão (100% controlada pelo Estado), o público tem por hábito ir ao cinema. Ainda que dono de uma cinematografia que rende prêmios no exterior, por conta do regime teocrático fechado e autoritário, o país tanto censura e prende cineastas, como proíbe a instalação de antenas para captar canais de TV estrangeiros. Assim, o cinema segue como uma opção cultural e de lazer importante e que acompanha as transformações da cidade¹⁰. Das viagens empreendidas ao Irã em 1998, 2001, 2002 e 2010-2011, percebe-se o aparecimento de complexos modernos, como o Tehran's Mellat Park Cineplex. Inaugurado em 2008, o Mellat, além de quatro salas de cinema com 280 lugares cada e uma cinemateca para ciclos, também tem galerias para mostras e exposições de artes visuais. O Mellat alcança um público classe média alta, até porque está situado em zona residencial de luxo, próximo às montanhas Alborz.

Já este conjunto de salas de um bairro classe média visto na foto, em que pese a aparência modesta e de ser um espaço “de rua”, já foi construído no espírito dos shoppings, com direito a um bar que vende guloseimas e refrigerantes e apresentando três salas com cerca



Teerã: Mellat Park Cineplex
(Foto: Fluid Motion Consulting Architects)

9 - Curioso notar que a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, possui demografia semelhante (350 mil habitantes) e apenas três pequenas salas de cinema em uma galeria comercial. Pelotas também não possui shopping center.

10 - É preciso lembrar que o Irã é uma república islâmica xiita desde a revolução de 1979. A relação da população religiosa, influenciada pelos mulás, tende ainda a considerar o cinema como manifestação demoníaca. Em 1978, na cidade de Abadan, fundamentalistas colocaram fogo no cinema Rex, matando centenas de pessoas. Mais informações em *Descobrimos o Irã* (PINTO, 2005)

de 200 lugares cada¹¹. Atualmente, mesmo crescendo o número de pequenos shoppings em Teerã, eles não possuem salas de cinemas. O que chama a atenção é que os cinemas de rua de Teerã continuam em funcionamento e embora muitos estejam em estado lamentável e outros fecharam suas portas, os em operação têm um número de assentos que impressiona, como o Sahra Cinema, com mil lugares, e o Asre Jadid, que existe desde 1957, com 633 lugares. O chão destes cinemas invariavelmente é de madeira, assim como as cadeiras, que não têm estofamento. O mesmo que os cinemas do Brasil dos anos 50 e 60.

Outro país que viveu por pelo menos duas décadas sem as influências mercadológicas do Ocidente, o Vietnã, ostenta um cenário curioso quanto às salas de cinema. Ainda com poucos shoppings, exceção para Hô Chí Minh (ex-Saigon), que possui alguns luxuosos, o Vietnã vive um momento de grande crescimento econômico. Apesar de ser uma república oficialmente socialista, desde os anos 90, com a entrada das multinacionais implantando fábricas no país, principalmente norte-americanas, há um *boom* no consumo. *Boom* este visível especialmente nas ruas repletas de motos, que substituíram as bicicletas, que por sua vez fizeram a imagem símbolo do país por várias décadas depois da guerra.¹²

Nas cidades visitadas para esta “descrição da experiência vivida” operada no texto, encontramos salas de cinema de rua de grande porte, com fachadas altamente chamativas na exposição dos filmes em cartaz. Na capital Hanói, com seus 6,5 milhões de habitantes, a experiência estava sempre em nos deparar com cinemas grandes, de largas fachadas a exhibir os cartazes multicoloridos. Filmes americanos em cartaz (em janeiro de 2012 *Sherlock Holmes* foi lançado com grande número de cópias por lá), disputam lugar com produções vietnamitas, em geral comédias adolescentes, a demonstrar que a população jovem toma conta do país. E consome pipoca e Coca Cola, como mostra a imagem.

Já em Da Nang, quarta maior cidade do país e centro portuário

11 - Em 1988, quando da primeira viagem ao Irã, a maioria dos cinemas não vendia refrigerantes, apenas chá.

12 - A Guerra do Vietnã, que lá é chamada de “guerra americana”, durou de 1955 a 1975 e forçou a retirada dos Estados Unidos do país ainda em 1973. Fora boa parte da população do Camboja e do Laos, vizinhos envolvidos no conflito, morreram cerca de 4 milhões de vietnamitas.



Teerã: Cinema de rua com 3 salas



Teerã: Cinema Sahra (foto: Abitare)



Hanói: Fachadas multicoloridas

histórico, pois era aonde os americanos desembarcavam com seus navios de guerra, o único shopping center não possui sala de cinema e os cinemas de rua mantêm uma atmosfera herdada dos anos 60, com grandes salas de mais de mil lugares e cadeiras em madeira. Nesta da foto do cine “Lê Dô”, a curiosidade estava nas hordas de jovens na entrada, todos estacionando suas motos em frente ao cinema, de qualquer maneira, impedindo inclusive a passagem de pedestres. O carro-chefe da programação era uma comédia que fazia furor no Vietnã no início do ano: *Hé lô Cô Ba*, sobre um homem com poderes paranormais (ver cartaz). Ao mesmo tempo que estava em cartaz em várias salas, também podia ser encontrado em lojas que vendiam DVDs, todos piratas. Igualmente peculiar, as últimas fileiras do cinema do Lê Dô, que apresentavam cadeiras com lugares duplos. Uma espécie de pequeno sofá de dois lugares. Se foi feito para casais e namorados, ninguém naquela sessão falava inglês para tirar a dúvida. No entanto, cursos de inglês podem ser vistos em cada esquina das cidades maiores, isto porque acontece hoje no Vietnã uma nova invasão americana adaptada aos tempos modernos: no lugar de soldados, estão lá as grandes fábricas para explorar a mão de obra barata. O Vietnã virou a página e quer consumir.

Consumir, sem esquecer de sua história, que é preservada e explorada como fonte de turismo. Para consumo externo, o turista tem acesso desde a documentação sobre a guerra até a “passeios” nos túneis por onde os vietcongs se escondiam. Para consumo interno, a “Hanói Cinemathèque”, na capital, dá conta da preservação da história através do cinema. Com seus 89 lugares, e representando toda a influência que a colonização francesa deixou por lá, em julho a agosto de 2011 exibiu um ciclo fundamental: “Vietnam on Film”. Uma programação composta de filmes de e sobre o Vietnã (incluindo curtas e documentários), cobrindo vários períodos e estilos. Dos clássicos filmes vietnamitas, a curtas produzidos por estudantes. Dos títulos estrangeiros, podemos destacar, *O Amante* (L’Amant, 1991), de Jean-Jacques Annaud (baseado na indochinesa Margarite Duras), *O Americano Tranquilo* (The Quiet American, 1958¹³), de Joseph Mankiewicz, *Indochina*¹⁴ (Indochine, 1992), de

13 - Trata-se não da versão com Michael Caine (2002), mas da versão original, filmada no calor da hora e considerada mais fiel ao livro de Graham Greene.

14 - Região do sudeste asiático, a Indochina francesa era composta pelo Vietnã do Sul (capitalista) e do Norte (socialista), Camboja e Laos. A Guerra da Indochina e a independência destes países da França se deu 1954, começando em seguida a chamada Guerra do Vietnã.



Hanói: Coca-cola e pipoca comunistas



Hanói: Motos invadem os cinemas de rua



Da Nang: Comédia vietnamita em cartaz



Hanói: Cinemateca de influência francesa (foto: Dan)

Regis Wargnier. Estes são os mais conhecidos, a maioria dos filmes nunca foi lançada no Brasil, em especial, naturalmente, os títulos dirigidos por cineastas vietnamitas.

PROGRAMAÇÃO NO MENU

Já o vizinho Cambodja não pode se dar ao luxo de programar filmes de diretores cambodjanos. Há um único diretor com projeção, Rithy Panh, cujos filmes, ao menos, são muito vistos lá. *Condenados à esperança* (Les gens de la rizière, 1994), *S21 – A máquina de morte do Khmer Vermelho* (S-21, la machine de mort Khmère rouge, 2003) e *Les Gens d'Angkor* (2003) podem se encontrados facilmente nas lojas, incluindo as dos dois shoppings da capital, Phnom Penh, e as do enorme mercado público, o Psar Thom Thmei. O detalhe é que rigorosamente todos seus filmes eram piratas.

O Cambodja é um país destroçado pelos quatro anos de poder de Pol Pot¹⁵, do partido comunista intitulado Khmer Vermelho, que destruiu tudo, da economia ao ensino, e Rithy Panh só pôde ser cineasta porque estudou e mora na França há quase três décadas. Basicamente, o Cambodja vive da estrutura das ONGs e do turismo, graças ao complexo de monumentos hindus, Angkor Wat¹⁶, onde em 1965 foi filmado *Lord Jim*, com Peter O'Toole. Em 1984, *Os Gritos do Silêncio* (The Killing Fields) projetou na tela os horrores do Khmer, mas o filme foi rodado no Tailândia. Percebendo que poderia servir de cenário para produções estrangeiras, em 2009 o governo do Cambodja criou uma film commission. *Lara Croft* (2001) é o resultado mais conhecido, tendo como protagonista Angelina Jolie, que se comoveu com o país e é hoje responsável pela construção e manutenção de hospitais e escolas.

15 - O governo de Pol Pot durou de 1975 a 1979. Neste período foram mortos 1,7 milhão de cambodjanos, 21% da população do país. Bastava ter alguma instrução para ser considerado inimigo do regime e logo executado. O cineasta Rithy Panh, ainda criança, teve suas irmãs e seus pais mortos pelo Khmer. Mais detalhes na entrevista que fizemos com o diretor para a revista Teorema (nº 7), seguida de artigo nosso e do documentarista João Moreira Salles.

16 - Angkor Wat, com seus mais de 200 templos, foi tombado como Patrimônio da Humanidade pela Unesco.

Mesmo sendo um país muito pobre, que necessita da ajuda internacional, a capital Phnom Penh já possui dois grandes shoppings, cada um com salas de cinema, talvez por isso os cinemas de rua não foram localizados, exceto uma sala, numa pequena galeria comercial. Um cinema bastante peculiar funciona ali. Chamado Angkor Cinema, tem uma espécie de cardápio na entrada, onde o espectador escolhe o filme e agenda a sessão. Se não há ninguém na sala no momento, o funcionário coloca o DVD ou Blu-Ray e o espectador pode ver o filme sozinho (o ingresso era em torno de 2 dólares). O cardápio possuía mais de 100 filmes, de *Titanic* e *O Crepúsculo*, passando por *Os Gritos do Silêncio* até os títulos de Rithy Panh. Neste “cinema personalizado”, como mostra um letreiro na bilheteria, há também uma atração para os turistas, que são convidados a ver um filme sobre Angkor Wat antes de visitar o local histórico na província de Siem Reap. Um tipo de *Video on Demand* somado à experiência adaptada da sala escura.

É na Malásia é que se pode perceber um retrato mais fiel da sociedade. Em Kuala Lumpur, a capital, as salas são reflexo de uma realidade multicultural, cujos grupos étnicos mantêm um pé no futuro e outro no passado. Malaios, indianos e chineses compõem a população da Malásia, sendo que muçulmanos, hindus e budistas convivem pacificamente, o que a torna um dos países mais interessantes da Ásia¹⁷. Além disso, apresenta uma economia pujante, inclusiva às etnias. Esta economia é comprovada pela existência de surpreendentes 66 shoppings na capital, que tem uma população de apenas 1.6 milhões de habitantes.

Kuala Lumpur é conhecida pela torres gêmeas, as Petronas¹⁸ que com seus 88 andares, cujo formato é influenciado pela arquitetura islâmica, foram cenário de filmes como *Armadilha* (Entrapment, 1999), com Sean Connery, e o blockbuster indiano *Don: The Chase Begins Again* (2006). TGV Cinema e Golden Screen Cinemas são as maiores redes malaias e a primeira ocupa o complexo do shopping anexo às torres, o Suria KLCC, um dos mais luxuosos do mundo.

17 - Nos anos 60, chineses e malaios tiveram sérios conflitos, mas uma política de governo que promove a igualdade de oportunidades tem obtido êxito.

18 - Petronas: Petrolia Nasional Berhad, é a companhia de óleo e gás da Malásia, equivalente à Petrobras, que possui sede nas Petronas Twin Towers



Phnom Penh: Menu para a escolha de filmes



Phnom Penh : Angkor Cinema



Phnom Penh: filme turístico sobre Angkor Wat

A TGV também é responsável pelas 12 salas do shopping Sunway Pyramid, outro colosso malaio.

Na programação, a hegemonia é dos filmes americanos, seguida por filmes indianos no estilo Bollywood. Com uma quantidade tão expressiva de shoppings, é natural que neles se concentrem as salas de cinema. Um dos poucos cinemas de rua é também um dos mais antigos e mais célebres da cidade, o Pawagam Coliseum Theatre, construído em 1920, e desde lá pertencente a mesma família. Possui capacidade para 900 pessoas, mais o mezanino, e como pode-se ver pelo cartaz na fachada (foto 10) são hegemônicos os filmes bollywoodianos. A Malásia produz cerca de 20 filmes por ano e o sucesso recente em fevereiro de 2012 era *Ombak Rindu* (2011). Com a dramaticidade de enredo e trilha musical dos filmes indianos, a produção mostra o calidoscópio de etnias e o confronto entre o moderno e o arcaico. Diferente do Irã, a Malásia produz a maior parte dos seus filmes para o público interno.

Mesmo bem conservado, exibindo uma programação popular e representando um patrimônio para a cidade, em nenhum dos horários observados foram vistas filas para a compra de ingresso, como as que haviam em shoppings. Por ser uma empresa familiar, teme-se pelo futuro do local.

MULTIPLEX IN THE FUTURE

O recorte nos países trazidos aqui como *corpus* para a análise, naturalmente carrega em si um caráter arbitrário. Num primeiro momento, vemos que diferentes pontos da Ásia unem-se em contraponto à experiência brasileira do fechamento de salas, mas não representam a imagem em alta definição do que seria uma experiência mundial. O complexo sistema de causas sobre o fechamento de cinemas de rua e a abertura de cinemas em shoppings de cada um dos países citados demandaria maior cientificidade nas considerações levantadas. Se nossa base fatural e teórica para a pesquisa é limitada, é porque o tema desperta em geral o interesse apenas de uma vertente de reflexão: a nostálgica. A pertinência deste artigo, entende-se, está no objetivo de confrontar realidades num método exploratório cujas conclusões tendem a pensarmos o fenômeno em duas perspectivas, a cultural e a econômica.



Kuala Lumpur: cinema de rua que sobrevive

E se as cidades citadas ainda têm cinemas de rua, deve ficar claro que já há uma sinalização para os seus estertores, devido ao imperativo avanço da economia em direção à concentração do comércio e do entretenimento. Mas os problemas levantados no início deste texto, qual seja a suposta mudança de perfil do público que migra do cinema de rua para o cinema de shopping, só pode ser lido através de investigação e análise que leve em conta aspectos mais amplos e mais profundos da sociedade em questão. “Fazer barulho” no cinema de um país como o Brasil, por exemplo, tem uma conotação, em um país da Ásia, muitas vezes tem outro. O que podemos apontar, ainda que de modo redutor a partir da simples observação *in loco*, é o surgimento e a dimensão do fenômeno shopping nas cidades em que recentemente predominavam os cinemas de rua.

O continente asiático possui 49 países e, portanto, uma diversidade que prepondera em todos os sentidos. Dos quatro países trabalhados no artigo, Irã, Vietnã, Cambodja e Malásia, podemos atribuir uma diversidade a partir da conjuntura política: teocracia, socialismo, monarquia constitucional e sultanato (nove governadores revezam-se na presidência da Malásia). Ao esboçarmos aqui a história destes países e sua situação econômica, já indicamos esta diversidade. Por isso, a delimitação nos quatro nos sugere que podem sim representar uma tendência, mesmo que possamos apenas oferecer parte de uma radiografia em construção.

E neste sentido – colocando a América do Sul também neste *corpus* –, o que nos é apresentado é uma contingência histórica inapelável: vivemos uma época em que não raro associações de moradores de bairro intercedem junto ao poder público para impedir que determinado espaço se transforme em praça. A ameaça de que uma praça venha a ser o habitat natural de usuários de drogas e moradores de rua, acaba gerando paradoxos como este.

Ante a violência, praças não são mais bem-vindas. Ante a violência também, as cidades cercadas que são os shoppings-cidade instalam redes multiplex para os moradores do entorno. O papel do Estado neste novo cenário é lembrado por Sarlo (2005) quando remete à decadência dos espaços públicos abandonados:

Diante da prepotência da captura dos espaços pelo mercado, a nostalgia é um reflexo legítimo, surpreendente, simpático, queixoso, mas insuficiente. A cidade só pode ser defendida através da ação de governantes que não acreditem que todas as ideias do mercado são necessariamente boas. (SARLO, p. 81)

Os shoppings, que surgiram com força nos anos 80, vivem o seu apogeu no Ocidente e despontam no Oriente como um processo em marcha. A televisão, a pirataria, o modelo de negócio que indica ser a sala de shopping mais rentável são elementos que explicam esse apogeu, sem que não anulam as consequências.

O caso do Pawagam Coliseum na Malásia pode servir de base a um raciocínio dedutivo: já que foram verificadas filas nos shoppings, logo, o público estaria migrando para este tipo de sala de cinema, que oferece conforto e tecnologia ultra moderna. Mas é recomendável que não tiremos conclusões rápidas, pois é sabido que muitos grupos sociais, de menor poder aquisitivo, não se sentem à vontade nos shoppings, em especial os que abrigam grifes internacionais e ostentam uma decoração luxuosa. A sociologia nos diz que os estatutos de pertencimento impedem que essa suposta migração venha a se suceder tão facilmente. O que ocorre é a geração de novos públicos, afeitos aos apelos inerentes ao shopping. Precisariamos investigar o quanto o mesmo grupo social que se mobiliza para que não seja criada uma praça é o mesmo grupo que luta pelo não fechamento – ou reabertura – de cinemas de rua. O entendimento do *ethos*, a identidade comum às populações urbanas, no entanto, tem que passar pelo assunto violência urbana. Assim, e através deste assunto, poderemos talvez compreender melhor certos paradoxos.

De qualquer forma, sendo o shopping uma realidade inarredável, permanece o ponto crucial do debate, que é a deficiente qualidade da programação. Abordagem esta que pode ser analisada em outro artigo. Para finalizar, deixemos aqui uma projeção: independente do país, os shoppings funcionam como reflexo de uma época, i.e. de uma fase e, como tal, um dia estará ultrapassada. Talvez venhamos a lamentar no futuro a agonia dos cinemas de shopping, quando todos irão hibernar em apartamentos-cidades, com seus home-theatres domésticos, seus telecines minguados. Quem sabe.

BIBLIOGRAFIA

PANH, Rith. “O cinema e a memória”. **Teorema Crítica de Cinema**. Porto Alegre: Teorema, nº 7, ago 2005.

PINTO, Ivonete. **Descobrindo o Irã**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005 (2ª ed.)

SARLO, Beatriz. **Tempo Presente – Notas sobre a mudança de uma cultura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

_____. **Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

ZANELLA, Cristiano. **The End – Cinemas de calçada de Porto Alegre (1990-2005)**. Porto Alegre: Idéias a Granel, 2006.

Internet:

Folha.com: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1063461-pedalada-protesta-contrafechamento-do-cine-belas-artes-em-sp.shtml>. Acessado em 11 jun 2012.

COUTO, José Geraldo. <http://blogdozegeraldocouto.folha.blog.uol.com.br/index.html> 06/01/2011. Acessado em 19 jan 2011.

Observatório Brasileiro do Audiovisual: http://oca.ancine.gov.br/rel_salasexibicao.htm. Acessado em 01 mai 2012.